

Caxias e Inhaúma, um exemplo de bom entendimento e cooperação



*Armando de Senna Bittencourt**

Resumo: O autor descreve o bom relacionamento entre o Duque de Caxias e o Visconde de Inhaúma, fator responsável pelos êxitos das Forças Armadas imperais no teatro de operações guarani.

Palavras-chave: Marechal Luiz Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias. Almirante Joaquim Ignácio, Visconde de Inhaúma.

No dia 18 de fevereiro de 1869, o Almirante Joaquim José Ignácio, Visconde de Inhaúma, regressou ao Rio de Janeiro, após comandar a Força Naval do Brasil em Operações de Guerra contra o governo do Paraguai, durante aproximadamente dois anos. Esta seria sua última viagem. Estava exausto, a guerra e a doença haviam lhe consumido todo o vigor. Desembarcou da corveta *Niterói* em maca e, no cais do Arsenal, foi, praticamente, carregado pelos parentes e amigos. “Voltaram seus restos, quase inanimados”, como noticiou um jornal. Faleceu poucos dias depois.

Inhaúma foi, sem dúvida, um dos artífices da difícil vitória alcançada numa guerra cruel, em território remoto e hostil, em que o Rio Paraguai era a artéria da logística dos exércitos em operações. Foi uma tarefa grandiosa, conduzida com bom senso e compe-

tência; ainda mal compreendida por muitos, mesmo em nossos dias. Um detalhe de fundamental importância, sem dúvida, para o bom êxito alcançado nessa guerra, foi o perfeito entendimento e cooperação entre o Marquês de Caxias e o Visconde de Inhaúma, que possibilitou o sucesso nas inúmeras operações combinadas em que participaram forças terrestres e navais.

A vitória brasileira em Riachuelo, logo no início da Guerra do Paraguai, praticamente aniquilou o poder naval do inimigo. Garantiu também o bloqueio, impedindo que Solano López recebesse armamentos e, até mesmo, os navios encouraçados que havia encomendado no exterior. Como comprometeu o apoio logístico das tropas inimigas invasoras, logo a guerra passou para território paraguaio. Tudo isso levou à ilusão de que a Tríplice Aliança poderia vencer em pouco tempo. Mas tal não ocorreu.

* Vice-Almirante. Sócio-titular do IGHMB.

O que parecia fácil estagnou. O Paraguai era um país mobilizado para a guerra e Humaitá ainda era uma fortaleza inexpugnável, enquanto não estivessem disponíveis os novos meios navais que estavam em obtenção – os navios encouraçados.

Para avançar ao longo do Rio Paraguai, era necessário vencer diversas passagens fortificadas, destacando-se inicialmente Curuzu, Curupaiti e Humaitá. Navios oceânicos, de calado inapropriado para navegar em rios, de casco de madeira, sem couraça, como os da Força Naval brasileira que combatera em Riachuelo, não teriam bom êxito. Era evidente que o Brasil necessitava de navios encouraçados para o prosseguimento das ações de guerra; e os obstáculos e fortificações de Humaitá eram uma séria ameaça, mesmo para estes navios.

Os brasileiros empenharam-se em obter os meios navais necessários adquirindo navios no exterior – inclusive os que o Paraguai havia anteriormente encomendado – ou construindo-os no País. De 1865 a 1869, foram construídos no Arsenal de Marinha, no Rio de Janeiro, três encouraçados e seis monitores. Os monitores foram projetados por um engenheiro da Marinha, Napoleão Level, inspirado no projeto inovador do *USS Monitor*, de John Ericsson, levando em conta os aperfeiçoamentos que, durante a Guerra Civil Americana, foram implementados nesse tipo de navio. Os monitores que foram construídos pela Marinha do Brasil obedeciam a requisitos operacionais especialmente elaborados para que pudessem enfrentar o inimigo naquele teatro de operações específico da Guerra do Paraguai. Foi, sem dúvida, um grande feito da Engenharia Naval brasileira.

Os navios encouraçados obtidos começaram a chegar à frente de combate em dezembro de 1865. Durante a guerra, 17 navios encouraçados, incluindo os monitores, foram incorporados à esquadra brasileira.

O comando geral dos exércitos aliados era, inicialmente, exercido pelo Presidente da República Argentina, General Bartolomeu Mitre. As forças navais do Brasil não estavam diretamente subordinadas a ele. Assim fora, intencionalmente, previsto no Tratado da Tríplice Aliança. O comando das forças navais brasileiras, que representavam praticamente a totalidade do poder naval presente no teatro de operações, era exercido pelo Visconde de Tamandaré, que também não estava subordinado ao comando das forças terrestres brasileiras. As operações em que participavam forças navais e terrestres eram, portanto, operações conjuntas sem unidade de comando. Aliás, durante a Guerra Civil Americana (1861-1865), que é imediatamente anterior à Guerra do Paraguai (1865-1870), também não houvera unidade de comando entre forças navais e terrestres, o que não impediu o bom êxito em uma grande quantidade de operações conjuntas realizadas pelos Estados Unidos da América, na bacia do Mississippi. Concorreu para isso, como se diz, o bom entendimento, confiança, amizade e cooperação entre os que lá exerciam o comando, o que é verdade, principalmente no caso do General Ulysses S. Grant e do Comodoro David D. Porter. Cabe observar, porém, que essa fase inicial da Guerra do Paraguai se caracterizou pela falta de confiança e de unidade de comando, mesmo nos exércitos, onde, formalmente, cabia a Mitre o comando geral. Os brasileiros não

confiavam nos argentinos, seus inimigos recentes em conflitos anteriores na região do Prata. Artur Silveira da Mota, o Barão de Jaceguay, que exercia, então, a função de secretário de Tamandaré, é bastante claro nesse aspecto, em seu livro *Reminiscências da Guerra do Paraguai*.

A ofensiva aliada para a invasão do Paraguai necessitou do apoio de forças navais. Coube, inicialmente, à Marinha fazer o levantamento hidrográfico do trecho inexplorado do Rio Paraná, combater as chatas paraguaias e bombardear o Forte de Itapiru e o acampamento inimigo. Houve, depois, perfeita cooperação entre as forças navais e terrestres, na operação de desembarque que ocorreu em seguida. Os navios transportaram cerca de 45 mil homens, de um efetivo de uns 65 mil, artilharia, cavalos e material.

Com a invasão, os paraguaios abandonaram Itapiru e Passo da Pátria e, após as tentativas, infrutíferas, de derrotar o invasor em Estero Bellaco e Tuiuti, sua defesa se concentrou, principalmente, no conjunto de fortificações das margens do Rio Paraguai que barravam o caminho: Curuzu, Curupaiti e Humaitá.

Em 31 de agosto de 1866, as tropas brasileiras, comandadas pelo Barão de Porto Alegre, desembarcaram e, apoiadas pelo fogo dos navios, tomaram Curuzu.

O próximo ataque foi a Curupaiti. Mitre assumiu pessoalmente o comando da operação, mas, apesar do bombardeio pela força naval de Tamandaré, o ataque aliado, ocorrido em 22 de setembro, levou à maior derrota da Tríplice Aliança na Guerra do Paraguai.

O preparo da operação fora insuficiente, pois tratava-se de uma posição bem defendida e as dificuldades do ataque não fo-

ram corretamente avaliadas. Seguiram-se acusações e críticas, principalmente contra Tamandaré. Vieram a tona todas as inimizades. Tamandaré, que era frequentemente acusado de ser excessivamente cauteloso, desta vez não teria dado a cobertura de fogo suficiente. Na realidade, era difícil avaliar o resultado de um bombardeio naval, pelo menos até o fim do século XX. Ele, por sua vez, insinuava que Mitre, como argentino, poderia ter o interesse de sacrificar os navios para reduzir o poder naval brasileiro. Como o poder naval do Império sempre esteve muito presente na região do Rio da Prata, em tempos de guerra, ou respaldando os interesses do Brasil em períodos de paz, sua existência contrariava, sem dúvida, interesses da Argentina. A suspeita de Tamandaré, conseqüentemente, não podia ser considerada como sem fundamento e era sua obrigação, como comandante da Força Naval brasileira, considerar essa hipótese. Cabe, no entanto, observar que Mitre foi fiel à causa da Tríplice Aliança e enfrentou, com resignação, dificuldades consideráveis durante seu período à frente das forças aliadas, inclusive porque a imprensa e a opinião pública da Argentina, expulsos os paraguaios de seu território, não eram mais favoráveis à guerra, e também eram contrárias à aliança com o Império do Brasil, seu tradicional inimigo.

Como resultado da derrota de Curupaiti e para superar a crise, aceitou-se o afastamento de Tamandaré, que tantos bons serviços havia prestado na fase inicial da guerra, inclusive organizando um excelente sistema de apoio logístico. Ele é, por tudo que fez antes e durante a Guerra do Paraguai, muito justamente, o patrono da Marinha do

Brasil. Tamandaré, porém, estava esgotado e dificilmente se entrosaria, daí por diante, com Mitre, que continuaria exercendo o comando geral dos exércitos aliados, por força do Tratado da Tríplice Aliança.

O Marquês de Caxias foi, então, designado para o cargo de comandante-em-chefe de todas as forças brasileiras em operações contra o governo do Paraguai. Caxias já havia demonstrado ser um excelente general e estadista. O comando da Força Naval do Brasil coube ao Chefe-de-Esquadra Joaquim José Ignácio e passou a ser subordinado a Caxias, mas não ao comando geral de Bartolomeu Mitre, mantendo-se o que já estava previsto no tratado. Agora, havia unidade de comando nas forças brasileiras. Mas, provavelmente, mais importante do que isso eram a experiência política dos dois novos comandantes brasileiros, obtida no exercício dos altos cargos que haviam anteriormente exercido, e a amizade que existia entre eles.

Caxias e Joaquim José Ignácio se conheciam havia muito tempo; eram amigos e assim se tratavam. Em 1861, por exemplo, quando Caxias foi incumbido de organizar o Gabinete, escolheu o futuro Inhaúma para a pasta da Marinha e, também, para implantar o Ministério da Agricultura e Obras Públicas, recém-criado.

Nomeado em 3 de dezembro de 1866, Joaquim José Ignácio viajou imediatamente para o Paraguai; visitou o túmulo do filho, Tenente Mariz e Barros, morto em combate, e, no dia 22, recebeu de Tamandaré o comando da Força Naval. Em 15 de agosto de 1867, já promovido a vice-almirante, comandou a passagem de Curupaiti, enfrentando o fogo das baterias de terra e ultra-

passando, no rio, estacadas de madeira. Participaram da passagem dez encouraçados que, logo em seguida, começaram a bombardear Humaitá. Pelo feito, recebeu, logo depois, o título de Barão de Inhaúma.

A nova posição dos navios dessa força naval brasileira entre Curupaiti e Humaitá, no entanto, expunha-os aos tiros dos canhões das fortalezas paraguaias. Inhaúma considerava que ainda era impossível forçar Humaitá. Caxias, portanto, autorizou-o a retornar para Curuzu, se assim julgasse necessário. Isso causou um protesto de Mitre e sua correspondência com Caxias se tornou, a partir daí, tensa, com relação ao emprego das forças navais. Mitre acreditava que não se deveria abandonar uma posição conquistada, pois isso afetaria negativamente o ânimo dos aliados e fortaleceria o do inimigo. Considerava, também, que a passagem de Humaitá era tão importante que justificava a perda de dois terços da esquadra ou, mesmo, sua perda total.

De 27 de agosto a 24 de dezembro, houve um difícil diálogo entre Mitre e Caxias, através de ofícios. Caxias confiava na avaliação de Inhaúma e ambos esperavam a chegada dos monitores construídos no Arsenal, pois eram os navios mais adequados para ultrapassar Humaitá e operar rio acima.

Enquanto isso, Inhaúma, de sua difícil posição, mantinha as fortificações de Humaitá sob freqüente bombardeio de sua força naval. Os suprimentos vinham por terra, precariamente no início, através de um caminho aberto no Chaco, na margem direita do rio. Depois, construiu-se uma estrada de ferro até um local denominado Porto Elizário, para apoiar os navios. Até do ponto

de vista exclusivamente logístico, somente com uma base de suprimentos estabelecida pelos exércitos acima de Humaitá haveria condições de efetuar a passagem e manter os navios rio acima.

Definitivamente, Caxias também não confiava em Mitre. Isso deve ter sido uma decepção para o grande estadista e presidente argentino, que se animara com sua designação. Caxias, no entanto, reorganizara as forças terrestres brasileiras, obtivera cavalos, pois a maioria deles havia morrido devido à qualidade do pasto naquela região do território paraguaio, e iniciara a marcha de flanco, por terra, em julho de 1867. A ocupação de Tayi, que serviria para apoiar os navios, completou também uma das etapas do cerco a Humaitá.

Em 14 de janeiro de 1868, devido ao falecimento do vice-presidente, Mitre precisou reassumir a presidência da Argentina e deixou o Paraguai, desta vez definitivamente, passando o comando-em-chefe das forças aliadas para Caxias.

Inhaúma esperava o momento certo para agir. O respaldo e a confiança que sempre tivera de Caxias, seu superior, durante todo esse tempo, permitia-lhe agir sem precipitações. Os primeiros três monitores construídos no Arsenal de Marinha, que seriam fundamentais para o sucesso da operação, chegaram ao Paraguai no final de dezembro e juntaram-se à Força Naval em Porto Elizário. Em 14 de janeiro, uma enchente do Rio Paraguai mostrou que o sistema defensivo de correntes podia ser ultrapassado por navios de pequeno calado, aproveitando uma próxima oportunidade.

Na madrugada de 19 de fevereiro de 1868, iniciou-se a passagem de Humaitá. A

esquadra de Inhaúma intensificou o bombardeio e a divisão avançada comandada pelo Capitão-de-Mar-e-Guerra Delfim Carlos de Carvalho, genro de Inhaúma, depois Almirante e Barão da Passagem, avançou, rio acima, para ultrapassar os obstáculos e as fortificações da margem. Essa divisão era formada por seis navios – os encouraçados *Barroso*, *Tamandaré* e *Bahia* e os monitores *Rio Grande*, *Pará* e *Alagoas*. Deles, somente o *Bahia* não fora construído no Brasil. Acometeram a passagem formando três pares, compostos cada um de um encouraçado com um monitor amarrado ao seu contrabordo. Esse arranjo, aos pares, ficando os encouraçados no lado mais vulnerável ao fogo de artilharia de terra, repetia um arranjo semelhante, que ocorrera na campanha do Mississipi, em uma das passagens da força naval nortista por Vicksburg, em abril de 1863.

Finalmente, ao meio-dia, depois de o *Alagoas* ter, na passagem, de expor-se diversas vezes ao fogo inimigo e, em seguida, repelir uma tentativa de abordagem de canoas paraguaias, os seis navios da Divisão Avançada chegaram a Tayi, tendo antes enfrentado as baterias do forte paraguaio do Timbó. Três dos seis navios tiveram que ser encalhados, para não afundarem. O *Alagoas* fora atingido por mais de cento e sessenta projéteis. Estava, no entanto, vencida Humaitá, que aos poucos seria desguarnecida pelos paraguaios.

Caxias escreveu uma carta para Inhaúma, datada de 20 de fevereiro:

“Meu amigo. A sua Esquadra brilhou: não se podia fazer mais, nem com mais habilidade. Estive já ontem com o Delfim (Delfim Carlos de Carvalho), a quem

dei um apertado abraço (...). E agora vem o cumprimento do plano por parte do Exército. Eu por terra fiz o que lhe prometi: não mandei, fui em pessoa dirigir uma coluna de seis mil homens das três armas, na hora ajustada para a passagem dos monitores e encouraçados da Esquadra, e com essa força atacar o exterior de Humaitá; tomei, depois de três horas de renhido combate, o forte do flanco esquerdo daquela praça, que estava guarnecido com 15 bocas de fogo, todas já estão no meu acampamento (...). Seu amigo e colega Luiz.

No final, a passagem de Humaitá foi fácil, ou melhor, pareceu fácil para os que não participaram dela. Não se perdeu um único navio. O Alagoas, apesar de exposto diversas vezes ao fogo, sobreviveu. Mas, todos os especialistas sérios, inclusive os estrangeiros, como Mouchez, que conheceu Humaitá, a respeitavam. Do ponto de vista militar, não se pode fazer hipóteses que supõem intenções ou imperícia do inimigo. Isto sim, pode levar a grandes desastres na guerra, e Caxias e Inhaúma não se deixaram iludir, apesar das pressões externas.

No dia 24 de fevereiro, três dos navios que haviam ultrapassado Humaitá subiram o Rio Paraguai até Assunção. Tratou-se, evidentemente, de uma manobra de efeito moral. Não faria sentido bombardear indiscriminadamente a cidade e matar civis, nem desembarcar uma tropa, pois havia muitos inimigos na retaguarda, ao longo do rio, o que tornaria logo depois a ocupação inviável. Embora não tivessem, naquela ocasião, encontrado resistência de vulto no caminho, logo em seguida os paraguaios começaram a reforçar e fortificar diversas passagens do

rio. O importante, estrategicamente, para a continuação da ofensiva aliada era fechar o cerco de Humaitá e tornar sua manutenção pelos paraguaios despropositada. Isto estava nos planos de Caxias, que contava com o apoio de Inhaúma.

Os paraguaios sempre ambicionaram tomar navios brasileiros. Esse era seu plano inicial em Riachuelo e, durante a guerra, tentaram sem sucesso diversas vezes usar canoas com tropas, para abordar os navios encouraçados. Sempre foram repelidos com grandes perdas. Richard Burton, famoso explorador do século XIX que, quando era o cônsul britânico em Santos, visitou a frente de combate durante a guerra, afirmou, em suas *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*, que eles acreditavam que, dispondo de um único navio encouraçado, abririam o rio. Muito provavelmente não o fariam, mas o fato de que a Marinha do Brasil dominava o rio, e exercia o bloqueio com eficácia, era decisivo para o resultado da guerra. Só restava a Solano López recuar.

Na madrugada de 3 de março, López se retirou de Humaitá, com cerca de 12 mil homens, desembarcou em Timbó e foi se estabelecer em San Fernando, para formar uma nova linha de defesa. Alguns dias depois, com o bom êxito dos ataques aliados aos redutos paraguaios da periferia, boa parte dos defensores se retirou pelo Chaco, também para San Fernando, e os restantes se concentraram no recinto de Humaitá. Para bloquear-lhes a fuga, tropas aliadas foram transportadas por navios para o lado do Chaco.

Em março, a força naval de Delfim surpreendeu os navios paraguaios *Taquari* e *Igurei* e afundou-os. Esses navios eram os

melhores que López ainda possuía e, com essa perda, reduziu-se a capacidade de apoio a suas tropas.

Em 25 de julho, os últimos defensores abandonaram Humaitá, que foi definitivamente ocupada pelos aliados. Restava a eles reforçar o bloqueio para impedir a fuga desses paraguaios. Para isso, os aliados criaram uma flotilha de escaleres, lanchas e canoas, tripulados por pessoal da Marinha e do Exército, na Laguna Verá, por onde teriam que passar os fugitivos, em canoas. Os combates que ali ocorreram, corpo a corpo, entre as tripulações das embarcações constituíram, provavelmente, um dos conjuntos de episódios mais dramáticos dessa guerra. Participaram, com grande bravura, jovens oficiais brasileiros, como os tenentes Saldanha da Gama e Júlio de Noronha, futuros almirantes. Finalmente, em 5 de agosto, mais de mil e trezentos paraguaios se renderam, após muitas perdas.

Superado o obstáculo de Humaitá, Caxias podia avançar para o norte. O grosso do Exército paraguaio estava agora além do Rio Tebiquari, afluente da margem esquerda do Paraguai. Segundo ele, “ficou, portanto, disposto que a marcha [dos aliados] seria efetuada logo que a esquadra se aprontasse para seguir, pois, para pôr em prática o plano, era necessário que com ela subissem, também, alguns transportes e que seu movimento acompanhasse o do Exército”. No dia 16 de agosto, Inhaúma começou a subir o Rio Paraguai, cumprindo determinação de Caxias; ultrapassou a bateria de Timbó, onde alguns navios sofreram danos; alcançou Tayi, onde encontrou parte da força de Delfim; e foi fundear em Pilar. Nos dias seguintes, os navios da Força Naval

brasileira participaram das operações aliadas, prestando o apoio esperado por Caxias: empregando seus canhões para bombardeio de terra, transportando tropas e equipamentos e penetrando no Tebiquari.

Com o avanço aliado, López, em San Fernando, decidiu abandonar essa posição e preparar sua defesa em Piquissiri. Aproveitou, também, para reforçar a fortificação de Angostura, em um estreitamento do Rio Paraguai, no caminho de Villeta, logo acima de Piquissiri.

Logo Caxias alcançou Palmas, ao sul de Piquissiri, onde a força naval de Inhaúma veio encontrá-lo. Até então, seu avanço tinha sido tão rápido quanto o apoio dos meios navais disponíveis o permitia. De Palmas, Caxias iniciou a realização de seus planos para atacar a nova posição do inimigo, defendida, ao sul, em Piquissiri. Ele próprio percorreu o Rio Paraguai a bordo dos navios, efetuando o reconhecimento das posições inimigas, e concluiu por não realizar uma ação frontal. Era, também, impossível contornar a posição pela direita e, à esquerda, ela se apoiava no rio. Só restava utilizar a outra margem, onde se situava o Chaco, um alagadiço quase intransponível, periodicamente exposto a inundações. A genial manobra do Piquissiri, então planejada por Caxias, foi uma operação combinada, em que a cooperação da força naval de Inhaúma exerceu um papel relevante.

Parte das tropas terrestres, comandadas pelo General Argolo, foi transportada por navios da Força Naval para um local da margem direita do Rio Paraguai, no Chaco, à jusante de Piquissiri. Depois, construíram, em apenas 23 dias, um caminho de quase onze quilômetros pelo Cha-

co até alcançar, novamente, a margem do Paraguai, à montante de Piquissiri, vencendo terrenos pantanosos e cursos d'água. Foi preciso pavimentar quase três quilômetros com troncos de palmeiras e erigir diversas pontes. Enquanto isso, os navios eram empregados para transportar mais tropas para a margem direita do rio, para apoiar reconhecimentos e surtidas ao longo das margens e para distrair os paraguaios de Angostura.

No dia 29 de novembro, parte da Força Naval, comandada por Delfim, cumprindo, através de Inhaúma, ordens de Caxias, subiu até Assunção, para atrair a atenção do inimigo. Delfim bombardeou edifícios públicos, o arsenal e o estaleiro. Depois, desceu o rio até Villeta.

A operação de transporte das tropas para a margem esquerda do Rio Paraguai teve início no dia 4 de dezembro de 1868. Os navios começaram a atravessar o rio na manhã do dia seguinte. O desembarque foi em Santo Antônio, acima de Villeta. Inhaúma manteve seu pavilhão no encouraçado *Brasil*. Os encouraçados *Bahia*, *Silvado*, *Lima Barros* e *Brasil* se aproximaram da margem, no local de embarque. A eles se juntaram o *Tamandaré* e o *Barroso* e os monitores *Ceará*, *Piauí* e *Rio Grande*. Cada encouraçado transportou, na primeira leva, de 600 a 1.500 homens, conforme sua capacidade, e os monitores transportaram a artilharia e sua guarnição. Durante a operação, os monitores *Pará* e *Alagoas* mantiveram Villeta sob bombardeio.

Após o desembarque, o *Brasil* e o *Lima Barros* passaram a proteger Santo Antônio. O *Tamandaré*, o *Barroso* e o *Silvado* desceram para embarcar a cavalaria, transpor-

tando-a em diversas viagens. Os outros navios desceram e passaram a transportar o restante das tropas e, depois, as bagagens.

No final do primeiro dia, já estavam, na margem esquerda, cerca de 18.600 homens. A tropa começou a se movimentar para o sul no dia seguinte, 6 de dezembro. O primeiro obstáculo foi o Arroio Itororó. Travou-se a batalha de Itororó, nesse mesmo dia e, em seguida, ainda durante o mês de dezembro de 1868, a série de outros combates e batalhas da Dezembrada, dos quais se destacam, além de Itororó, Avaí e Lomas Valentinas. As tropas aliadas também conquistaram Villeta, Piquissiri e, em 30 de dezembro, Angostura. Ao final, as forças paraguaias estavam derrotadas e López fugira para o norte, onde conseguiu prolongar a guerra por mais de um ano.

Enquanto isso, os navios apoiaram as operações terrestres, inclusive mantendo o fluxo de suprimentos.

Como não mais havia obstáculos de monta até Assunção, ela foi ocupada pelos aliados e a Força Naval fundeu em frente à cidade, em 3 de janeiro de 1869.

Inhaúma não estava bem. Lutara no Paraguai também contra a doença, durante quase todo o tempo. Caxias já havia anteriormente alertado ao Rio de Janeiro que o almirante estava doente e muito debilitado. Agora, seu estado de saúde estava visivelmente precário. O próprio Caxias sugeriu ao amigo que deveria se tratar e dispensou-o do comando, que ele passou em 16 de janeiro. Iniciou, em seguida, sua última viagem, em direção ao Rio de Janeiro, onde chegou para falecer.

